

Poesias inéditas de Dalcídio Jurandir *

Natal

Deixei as ovelhas
Deixei a flauta,
E só vim com o meu cajado
E com minha bíblica inocência
(quanto era bela a minha adolescência)

E corria e corria pelos prados...
Uma estrela muito branca,
Me orientava,
Um estrela tão grande!

Depus meu cajado
E ajoelhei-me junto do berço.
Pensando que esse menino,
Pastor de estrelas, noutra tempo,
Viesse pastorear comigo
Pelos campos,
Ser feliz como eu era,
Entre as ovelhas!

(1929)

A Verdadeira História de Ícaro

Ele abriu as asas de cera
Para que o sol as derretesse.
Nada o embriagava mais
Do que essa diluência
Anônima do espaço...

Que melhor glória,
Que ascensão maior
Do que ser luz
Na graça de um minuto?

(1929)

* Do arquivo de Maria de Belém Menezes

Posse

Primeiro foi o silêncio.
Um relógio desfiando
Os minutos enormes.
Os minutos sagrados
De iniciação para o ímpeto.
Depois o silêncio parou.
Ficou um minuto suspenso
Na ponta das horas como um êxtase.
De súbito, triunfalmente,
Te dobrei a cabeça morena,
Esmaguei a tua boca
Com um grande beijo,
Um grande beijo bárbaro e infinito.
Quanto tempo durou
Aquele minuto de êxtase
Que foi toda a eternidade?
Aquele silêncio que a violência
Do beijo transformou em música?
Os meus sentidos num deslumbramento
Ficaram fibrando como tocados
Por um relâmpago criador.
E fiquei em febre te olhando
Como um deus selvagem.
Olhando-te, violada e vencida,
Como uma terra conquistada.

Dalcídio Jurandir
(Na revista GUAJARINA, agosto, 1937)

Os Jambeiros

No silêncio do arbalde
A manhã amadurece os jambos
E anima a festa dos pássaros.
E os jambos são tão gostosos
De um gosto ingênuo de ternura
Macio e selvagem,
Gosto de boa terra orvalhada e cheirosa
De água travessa a cantarola no fundo das espessuras.
De alegrias anônimas,
De sossegos vegetais esquecidos pelo mundo,
De infâncias perdidas que ficaram
Como raízes humanas nas fruteiras.

Quando vais entre os jambeiros
Colher os jambos maduros,
As árvores te cobrem de orvalho
E o céu te veste de sol,
E vens coroada de orvalho como toda
Enfeitada de pérolas
E envolta de luz como se fosses toda
A manhã de verão
Com as mãos cheias de jambos...

Dalcídio Jurandir
(Na revista GUAJARINA, 1937)

Um Ar de Distância

Andas no ar distante
Como uma sombra diluída num sonho remoto...
Tua alma é como uma pequena ilha perdida.
Entre horizontes marinhos
E amplidões azuis...
Há em ti distâncias irrealizadas
Sonhos perdidos nos grandes mares do imaginário
E do impossível...
Ficas no longínquo, no difuso e no indesvendável
Como se a vida recuasse para o muito longe
Para o quase irreal, como se fosse desfeita no próprio sonho.

Dalcídio Jurandir
(Na revista GUAJARINA, 18/09/1937).